



Manipulação em Cristo (ou humor unguido?): uma análise semiótica do fenômeno “Cleycianne”*

Marcelo Santos**

Patrícia Margarida Farias Coelho***

Resumo: Neste artigo, guiados pela semiótica de extração discursiva, apresentamos uma análise do *blog* (www.cleycianne.com). Lançado em julho de 2009, o site, rapidamente convertido em um fenômeno da internet, é hoje acessado diariamente por milhares de pessoas. Enquanto alguns internautas reagem com humor aos comentários da blogueira evangélica, “modelo fotográfica e linda” que assina a página, outros revoltam-se com a sua visão “preconceituosa” da realidade, em tese amparada por valores cristãos. Isso acontece, conforme demonstramos, em função da existência de uma nebulosa fronteira entre ficção e efeito de sentido de verdade nos textos veiculados pelo *blog*. Apesar de ter sido divulgado em jornais, revistas e programas de televisão que o site de “Cleycianne” é elaborado por um homem, isto é, que a blogueira é um personagem, o fato não é claramente explicitado textualmente. Em função disso, o que para alguns é piada ou ironia, para outros transfigura-se no real. Tomando por *corpus* as postagens realizadas durante maio de 2010, procuramos, numa escala macro, extrair a partir do destaque de alguns elementos, o percurso gerativo de sentido, inter-relacionando-o, amparados pelo semissimbolismo, aos elementos plásticos encontrados. Longe de simplórias, as relações entre conteúdo e expressão revelaram-se de extrema complexidade, abrindo a possibilidade para a existência simultânea de dois programas narrativos distintos.

Palavras-chave: semiótica discursiva, semiótica aplicada, comunicação digital, *blog*

1. “Urso” em tédio – *blog* na rede: nasce uma modelo fotográfica linda e “crente”

Thiago Henrique Ferreira é o nome do funcionário público e estudante de arquitetura responsável pela criação de um dos maiores fenômenos da internet brasileira nos últimos tempos: a personagem “Cleycianne”. Em entrevista concedida para matéria do jornal “O Globo”, capa do caderno “Ela” no dia 24 de abril de 2010, o jovem, na época com 26 anos, contou como tudo começou:

Eu estava de férias, entediado, e não tinha dinheiro para viajar. Tinha criado um *blog* com notícias do futuro, mas cansei. Convivo com fanáticos religiosos e adoro ver programas evangélicos na TV. Dou muita risada com estes programas, aliás. O *blog* da Cleycianne foi

uma diversão e ficou pronto em 20 minutos. (Lessa, 2010)

A rapidez na criação do site se repetiu na sua popularização. Da primeira postagem, em julho de 2009, à publicação da supracitada matéria – menos de um ano –, os poucos visitantes da página se reverteram em uma média de surpreendentes 20 mil acessos diários. Não demorou para “Cleycianne” ganhar seu perfil no *microblog* Twitter, e arrebatá-lo, segundo dados de 18 de novembro de 2010 (ver Figura 1), perto de 76 mil seguidores. Os números impressionam.

Conforme pode ser observado na Figura 2, “Cleycianne” em nada se parece com o seu criador. Thiago, homossexual forte e barbudo – “urso”, na gíria do mundo GLS –, preferiu uma “beleza loura em cristo” para encarnar a personagem: “No começo, pensei em uma crente gorda, mas achei que seria mais legal se ela fosse modelo fotográfica e linda. A loura da foto

* Agradecemos à Professora Elizabeth Harkot-de-La-Taille por sua preciosa contribuição durante a finalização deste escrito.

** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Endereço para correspondência: (para_marcelo@yahoo.com.br).

*** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Endereço para correspondência: (patriciafariascoelho@gmail.com).

ficou perfeita. Na verdade, trata-se da Miss Califórnia de 2008” (Lessa, 2010), revelou o blogueiro. A “perfeição” parece ser tanta que, de acordo com declarações dadas por Thiago em entrevista ao “Programa do Jô”, no dia 23 de junho de 2010, são muitas as pessoas a acreditar na existência de “Cleycianne”.

Phelipe Cruz, editor do site da revista “Contigo”, lança suas teorias para tentar explicar a credibilidade da personagem: “A Cley é convincente no que fala, e o humor é muito irônico e delicado. Muitas pessoas não conseguem detectar a piada quando ela não é muito óbvia” (Lessa, 2010; grifos nossos). O jornalista, sem dar-se conta, pensou semioticamente, elevando “Cleycianne” à condição de interlocutor, um *eu* dotado de seriedade, por traz do qual existiria um *eu* pressuposto, ou um enunciador, de “humor irônico”.

Neste artigo, esqueceremos Thiago, elemento extratextual, para, com o arcabouço conceitual da semiótica discursiva, lançarmos um olhar sobre “Cleycianne”, compreendida em seu estatuto semiótico de narrador-personagem. Conforme demonstraremos, “Cleycianne” se apropria das diversas possibilidades expressivas da linguagem digital, subdividindo-se – ou se materializando – em variados textos manifestos heterogêneos, nos quais o enunciador, *eu* pressuposto, possui um *ethos* distinto do *eu* projetado textualmente. Antes de prosseguir, todavia, necessitamos, ainda que ligeiramente, apresentar as nossas bases conceituais, assunto da próxima seção.

2. Brevíssimas notas sobre alguns tópicos de semiótica discursiva

No Dicionário de Semiótica de Greimas e Courtés (2008, p. 448-456), a semiótica é estabelecida como uma teoria preocupada em analisar os mecanismos de produção de sentido. São estudos desenvolvidos, sobretudo, a partir de duas propostas: primeiramente, a elaborada por Saussure (1967, p. 33), segundo a qual a Linguística seria uma disciplina da Semiologia, esta última ocupada de toda e qualquer linguagem; em segundo lugar, as ideias lançadas pelo pensamento hjelmsleviano. Esclarece Fiorin (2003, p. 34) que:

Saussure começa sua teoria do signo dizendo que ele não une um nome a uma coisa, mas um conceito a uma imagem acústica, ou seja, é um todo formado por um significante e um significado, ou, nas palavras de Hjelmslev, uma expressão e um conteúdo (Saussure, 1969, p. 80). Hjelmslev constata que não sabemos exatamente o que é o signo e, por consequência, devemos partir daquilo que conhecemos, a função semiótica, que está situada entre duas grandezas, a expressão e o conteúdo.

O plano da expressão é o plano onde as qualidades sensíveis que uma linguagem possui para se manifestar são selecionadas e articuladas entre si por variações diferenciais. O plano do conteúdo é o plano onde a significação nasce das variações diferenciais graças às quais cada cultura, para pensar o mundo, ordena e encadeia ideias e discurso (Floch *apud* Tenuta, 2005, p. 4-5).

Em outras palavras: é no plano do conteúdo, formado a partir da descrição proporcionada pelo percurso gerativo de sentido, que se encontra o significado do texto; tal significado é materializado por meio do plano da expressão, “no qual se manifesta a figuratividade da geração de sentido descrita pelo percurso gerativo, investida de valores articulados desde o nível fundamental” (Pietroforte, 2006, p. 1).

O percurso gerativo de sentido refere-se à “disposição ordenada das etapas sucessivas pelas quais passa a significação para se desenvolver” (Floch, 2001, p. 15), “um percurso conceptual que parte de estruturas simples, em profundidade, em direção a estruturas complexas, quanto mais se aproxima da superfície da manifestação concreta” (Bevidas, 2006, p. 48). Não nos deteremos na explicação de sutilezas do percurso gerativo de sentido; apresentaremos, contudo, uma rápida diferenciação dos seus três níveis.

Na instância profunda, analisam-se os elementos mais simples e abstratos, compreendidos como operações lógicas autônomas, permitindo-se a descrição de fatos semióticos que precedem a manifestação discursiva; aqui, os semas, unidades mínimas de significação, encontram-se antinomicamente relacionados, revelando de onde vem o sentido. No nível narrativo, a preocupação é extrair a narrativa, “um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo” (Barros, 2005, p. 20) a partir de um sujeito projetado no texto. Finalmente, no plano do discurso, ou na passagem da narrativa às estruturas discursivas, emerge o sujeito da enunciação.

Tanto na esfera narrativa quando na discursiva, através da figurativização e tematização, a categoria de “pessoa” é convertida em ator discursivo (Fiorin, 1999, p. 59). A partir de então, emergem o *eu* implícito do enunciador/enunciatário, e os “eus” explícitos ou manifestos do narrador/narratário e do interlocutor/interlocutário. “O narrador é o delegado da enunciação [...]. O sujeito da enunciação atribui ao narrador a voz, isto é, o dever e o poder narrar o discurso em seu lugar. Assim instalado, o narrador pode, por sua vez, ceder internamente a palavra aos interlocutores” (Barros, 2005, p. 57). São seis, portanto, os destinatários e destinatários do discurso (ver Tabela 1):

Primeiro nível enunciativo (eu pressuposto)	Enunciador	Enunciatário
Segundo nível enunciativo (eu projetado)	Narrador	Narratário
Terceiro nível enunciativo (eu projetado)	Interlocutor	Interlocutário

Tabela 1

Aqui nos interessa apontar um detalhe quanto ao segundo nível enunciativo. Às vezes, o narrador não só conta a história, como dela participa. Esse é o caso das narrativas em primeira pessoa, nas quais o narrador também é um ator narrativo; nestes casos, cria-se um efeito de sentido de subjetividade do *eu* projetado, pois quando o narrador

[...] se torna ator do enunciado – o que, na maior parte das vezes, faz com que ele assuma o papel de interlocutor na narrativa –, o narrador-personagem costuma disjuntar-se semanticamente do enunciador, particularizando-se, individualizando-se, o que permite identificar algumas diferenças de valores entre o primeiro nível enunciativo e o segundo. Nesses casos, o narrador está, muitas vezes, mais na posição de objeto de análise do sujeito da enunciação, do que de sujeito produtor do discurso, pois sua voz se subordina claramente a uma instância superior, que lhe delega a palavra e a sanciona. Quando o narrador não se torna ator do enunciado, mantendo-se no plano da enunciação, não há essa disjunção semântica tão patente entre os dois primeiros níveis enunciativos, de maneira que o narrador está sendo apresentado como produtor do discurso, sem que se transmita a impressão de que há um sujeito da enunciação que gerou essa instância discursiva (Calbucci, 2007, p. 49-50).

Até agora, nos reportamos exclusivamente ao percurso gerativo de sentido. Apesar de este recurso metodológico descrever o significado, ele deixa à margem o significante, criando um hiato na função semiótica. Por isso, mesmo tendo sido deixado em segundo plano

[...] em um primeiro momento do desenvolvimento teórico da semiótica, o plano da expressão passa a ser tomado como objeto de estudo quando uma categoria do significante se relaciona com uma categoria do significado, ou seja, quando há uma relação entre uma forma da expressão e uma forma do conteúdo (Pietroforte, 2004, p. 8).

Por se preocupar com a natureza de cada tipo de texto e as suas respectivas características, a semiótica de base discursiva trabalha como distintos planos da expressão, sejam eles compostos por signos verbais, não verbais, ou mesmo sincréticos, formados a partir de variados textos manifestos heterogêneos, produzidos por uma única enunciação que se subdivide em “uma enunciação verbal, uma enunciação gestual, uma enunciação visual” (Greimas; Courtés, 1986, p. 218), e assim por diante, como é o caso dos telejornais e das publicidades (Greimas; Courtés, 1986, p. 217), ou das diversas possibilidades de hibridação de linguagens instituídas pelas mídias digitais.

A busca da homologação conteúdo-expressão nos leva, além de outras coisas, ao semissymbolismo, a instância localizada “entre o arbitrário do signo e o motivado do símbolo” (Saussure *apud* Pietroforte, 2004, p. 8-9). Nas palavras de Pietroforte (2004, p. 126), “do mesmo modo que a categoria semântica s_1 vs. s_2 dá forma ao nível fundamental do percurso gerativo de sentido do conteúdo, pode-se definir um nível fundamental da geração de sentido da função plástica”. Em seus estudos, Floch (1985) sugere, exatamente, a correspondência entre as categorias eidéticas, cromáticas e topológicas e o plano do conteúdo.

Descritas, mesmo que panoramicamente, as nossas bases conceituais, procederemos, a seguir, à análise do conteúdo e expressão de “Cleycianne”.

3. Descortinado a estratégia semiótica de “Cleycianne”

Conforme descrevemos anteriormente, “Cleycianne” surgiu no tipo de interface denominada *blog*, e em seguida ganhou um perfil na rede social twitter. A crença “modelo fotográfica e linda” possui ainda diversos vídeos postados em um “canal”, isto é, um espaço particular, no site Youtube, destinado à reprodução de textos audiovisuais. Aqui, por uma questão de espaço, contemplaremos apenas o *blog*, analisando os materiais nele publicados durante o mês de março de 2010.

Nascidos na forma de diários on-line, os blogs atualmente constituem uma rede de produção, circulação, transmissão e debate de in-

formações, formando comunidades de 'blogueiros' e alimentando um novo público, que busca fontes alternativas de informação que complementem as tradicionais, bem como promovendo o debate entre os 'blogueiros' e os leitores por meio dos fóruns de comentários. Os blogs oferecem aos visitantes *olhares distintos para os acontecimentos, novas interpretações e novas informações*, muitas vezes publicadas no calor dos fatos, e permitem que os usuários emitam comentários sobre os temas abordados (Santos *et al*, 2009, p. 159-160; grifos nossos).

Dentre as muitas funções de um *blog*, portanto, sobressai-se a qualidade – tema – de atuar enquanto local destinado à disseminação de um conteúdo excluído das chamadas “mídias tradicionais”, no qual se ofertam interpretações particulares sobre os fatos. Essa *parece ser*, exatamente, a razão apontada por “Cleycianne” para gênese de sua página. Observemos o modo pelo qual a blogueira se descreve, no espaço nomeado por “Quem sou!”, localizado na margem superior direita de seu site:

Olá amigos, meu nome é Cleycianne, sou modelo fotográfica e Cristã batizada. Sempre tive vontade de ter um site na internet, foi então que tive a ideia de criar esse blog com a ajuda de um amigo para comentar as coisas que acontecem na internet com uma visão cristã. Espero que as pessoas 'do mundo', aquelas que ainda não se converteram, não fiquem questionando os meus pensamentos e ideias pois é como o pastor da minha igreja diz: **“Eu não sou preconceituosa, sou apenas cristã e sei o que é correto”** (cleycianne.com, 2010).

“Cleycianne”, assim como tantos blogueiros, anuncia que sua página foi desenvolvida com o intuito de oferecer uma abordagem singular – no caso, uma “visão cristã”, sem preconceitos, mas “correta” – a respeito dos fatos disseminados na rede. Na parte superior do *blog*, consta uma espécie de “cartão de visitas” (ver Figura 3).

Ao lado de uma foto que, pelo *blog*, descobre-se ser de “Cleycianne”, conforme explicitaremos adiante, pode-se ler o nome da blogueira, escrito em rosa com uma tipografia cheia de corações, e a frase “uma serva do senhor no mundo da internet”. De um lado, “Cleycianne” revela-se através de um signo fotográfico, o qual acaba por funcionar como um recurso de “veridicção” (Greimas; Courtés, 1986, p. 530), a confirmação, na esfera da *aparência*, da existência da blogueira; ela é real, e “mostra a sua cara ao público”. Do outro lado, o

texto verbal aponta que “Cleycianne” está a serviço do Senhor: ela é a emissária do cristianismo na cultura digital, confirmando-se a informação dada na seção “Quem sou!”.

Percebemos, porém, que há uma contradição entre o verbal e as três categorias do semissimbolismo discriminadas por Floch: 1) do ponto de vista cromático, o nome “Cleycianne” é escrito em uma cor luminosa e chamativa, ao passo que o texto “uma serva do senhor na internet”, discreto, é escrito em preto; 2) quanto às proporções espaciais, o vocábulo “Cleycianne” é visivelmente muito grande, quando contraposto à oração “uma serva do senhor na internet”; 3) finalmente, a forma – tipografia – usada para grafar “Cleycianne” é uma fonte especial, adornada, enquanto “uma serva do senhor na internet” está escrito de modo ordinário. Desse modo, o destaque visual está no nome da blogueira (colorido, grande, escrito de modo diferenciado/com formas especiais), e não no Deus ao qual ela diz ser subordinada (sem cor¹, pequeno, escrito de modo comum/com formas ordinárias). Se do ponto de vista do significado “Cleycianne” é serva, no nível do significante, ela é Senhora. Tal efeito de sentido encontra-se reforçado pela presença da foto da blogueira: colorida, a imagem ocupa quase dois quartos do espaço disponível; é o único elemento fotográfico, diferenciando-se – e por isto destacando-se – das demais formas, conforme pode ser apreciado no anexo (ver Figura 4).

Ao contrário de “Cleycianne”, o “Senhor”, à exceção da própria palavra, é destituído de qualquer espécie de significante visual para materializá-lo. Há, pois, falta de homologação entre conteúdo verbal – serva de Deus – e expressão plástica – soberania cromática, topológica e eidética de “Cleycianne”.

Caminheemos, agora, às mensagens veiculadas no *blog*. Durante o mês de março de 2010, nosso período de análise, foram realizadas 32 postagens, entre as quais, de saída, chama atenção a publicada na segunda-feira, dia 08, intitulada “Cleycianne Begins”. No texto, a blogueira explica como abandonou a “vida mundana”, quando, nas suas palavras, fornicava “com milhares de homens, mulheres, travestis, animais” (cleycianne.com, 2010), tendo, inclusive, vendido a própria filha, para iniciar uma jornada guiada por Jesus. A narrativa, feita na primeira pessoa do singular, reporta que após manter relações com 50 homens e “beber o esperma de todos”, “Cleycianne” foi levada ao hospital com dor de barriga, passando por uma lavagem estomacal. Lá, “Cleycianne” conheceu uma enfermeira que lhe falou sobre Jesus e a convidou para ir à Igreja, onde uma transformação teria se processado, conforme ilustra o trecho a seguir (cleycianne.com, 2010):

¹ Sem cor – incluindo branco/negro –, aqui, está em oposição a colorido.

Quando cheguei na Igreja fiquei louca com os homens casados de terno que ali estavam, até entrei 'sem querer' no banheiro masculino só para ver os órgãos sexuais deles!! Eu ainda estava perdida.

O culto começou, e a queimação em minha vagina começou a se tornar mais intensa, aquilo queimava, queimava... Até que chegou uma hora que eu perdi controle e comecei a gritar: 'Aaaaaaaahhh, minha vagina queima-aaaa'. Mais do que rápido o Pastor me levou lá na frente e começou a orar, orar, orar, todos na Igreja oraram... Derrepente eu senti algo dentro de mim, como era oca comparei a um orgasmo, mas na verdade era muito melhor!! O Espírito Santo estava penetrando em minha alma e me transformando em uma nova mulher.

Tudo ficou mais lindo, minha vagina parou de queimar e com a Igreja em silêncio eu levantei do chão, linda, loura e disse **Jesus é Lindo**, todos bateram palmas e me saudaram com unguento Aleluia!! Naquele momento nascia uma Diva do Senhor!!

Não demorou muito para me batizar, aquela nova vida era linda demais. Eu continuava com minha beleza loura, mas agora muito mais unguento, vitoriosa e abençoada!!! Havia uma piscina atrás da Igreja e foi lá que me batizei, entre nas águas pecadora e saí purificada aceitando Jesus em meu coração e como meu salvador!!

Esse foi o início de tudo, uma linda história!! Agora eu pergunto para você querido leitor: **você conhece Jesus?**

Iremos analisar o trecho acima transcrito em adição aos outros materiais aqui introduzidos. Iluminamos, antes disso, dois pontos necessários ao nosso percurso. Em primeiro lugar, chama a atenção a presença de dois erros de grafia: "Derrepente" e "pecadora". Estamos diante de um narrador que não domina a língua portuguesa. Em segundo lugar, conseguimos, agora verbalmente, apontar a falta de homologação entre o conteúdo segundo o qual "Cleycianne" seria serva, e uma expressão plástica onde ela é senhora. A frase "Naquele momento nascia uma *Diva* do Senhor!!" (grifos nossos) explicita no nível verbal o caráter contraditório entre verbal e visual: diva, propositalmente gravado com "D" maiúsculo, significa "deusa, divindade, mulher formosa, cantora notável"⁴ "Cleycianne", portanto,

é em alguma medida igualada ao Senhor, ao qual ela deveria servir, ou até colocada acima dele: uma Diva, entre muitas, do - que pertence ao - Senhor, ou uma Diva do - superior ao - Senhor. Do mesmo modo que há deusas do Amor, da Guerra, da Sabedoria, existiria, observe-se o paradoxo, uma deusa do Deus.

Resumidamente, analisando o enunciado "Cleycianne - uma serva do Senhor no mundo da internet", a descrição fornecida na seção "Quem sou!" e a publicação "Cleycianne Begins", temos:

Conteúdo: No nível das estruturas fundamentais, identificamos a oposição sagrado *vs.* profano (o mundo da internet), revelada textualmente através de "Cleycianne" como serva, ou guerreira do Senhor, comandada por "uma visão cristã" - euforia -, contra o mundano - disforia. Esse conteúdo mínimo aparece narrativizado enquanto ação de um sujeito, "Cleycianne", manipulado por tentativa a seguir o programa do Senhor e, desse modo, a ficar "muito mais unguento, vitoriosa e abençoada" ou, em uma possibilidade interpretativa polêmica, converter-se em um sujeito-Diva-Senhor. O narrador/interlocutor comete erros de ortografia, revelando tratar-se de alguém com pouca escolaridade: é capaz de escrever, mas o faz de maneira inadequada. No nível discursivo, identificamos a temática da cristandade, especialmente em três vertentes: 1) a da cultura cristã material, protestante, na qual as graças são concedidas aos fiéis na terra; 2) a das igrejas neo pentecostais, em que a fé converte-se em *show*; 3) a da moral cristã como correta - "Eu não sou preconceituosa, sou apenas cristã e sei o que é correto". Observamos, em acréscimo, os temas da *web* e da estética: "Cleycianne", "serva do Senhor na internet", é dona de "beleza loura" e "modelo fotográfica". A superposição de narrador e interlocutor cria um efeito de sentido de subjetividade, instituindo uma disjunção semântica ente "Cleycianne" e a sanção do "Senhor", ao qual ela estaria subordinada. O "eu" pressuposto, nesse caso, seria a religião cristã, Deus. Todavia, "Cleycianne", além de serva, anuncia-se "Diva do Senhor"; o Cristianismo, religião monoteísta, rejeita outros deuses que não o Senhor. Em última análise, logo, o "eu" pressuposto do enunciatador diferencia-se do Deus cristão, e rompe-se a imagem do discurso religioso: não é a fé que se projeta por meio de "Cleycianne"; é a mentira.

Expressão: O róseo, cor feminina - cor de Diva -, predomina em vários tons nos signos visuais analisados: seja no nome "Cleycianne", em elementos gráficos, ou na foto que consta no "cartão de visitas" - cuja pele e os lábios são rosados -, o rosa

⁴ Dicionário Michaelis [on-line]. Disponível em: (<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>). Acesso em 28 de novembro de 2010.

é o elemento cromático destacado. Em oposição, temos pequena quantidade de preto para materializar o Senhor, Deus – masculino. No nível eidético, percebemos que todas as formas “especiais” presentes na expressão plástica são de “Cleycianne”: a tipografia diferenciada de seu nome, a fotografia; o Senhor, em oposição, está encarnado simplesmente, como mais uma palavra escrita com uma fonte tipográfica comum. Finalmente, topologicamente, “Cleycianne” espalha-se por todos os espaços, em contraste a Deus, o qual ocupa, apenas, breves menções verbais.

Conteúdo vs. Expressão: Verificamos que o conteúdo polêmico, da “Diva do Senhor”, está homologado plasticamente: “Cleycianne” é a Senhora quase absoluta do plano da expressão, concedendo a Deus uma tímida representação, ofuscada pela da Diva.

Essas relações entre o percurso gerativo de sentido e o plano da expressão são encontradas, em alguma medida, replicadas em todos os demais materiais analisados do *blog*². Logo abaixo da publicação “Cleycianne Begins”, há um vídeo nomeado por “Esta é Cleycianne (Cleycianne Begins)”. Enquanto uma música evangélica de louvor narra as curas efetuadas pela entrada de Deus na vida das pessoas, alternam-se, visualmente, os textos verbais “Ungida’, ‘Abençoada’, ‘Beleza Loura em Cristo’, ‘Diva do Senhor’” e partes da fotografia de uma mulher. Finalmente, é introduzido verbalmente: “Esta é...”, e aparece a foto completa de uma mulher loura e o nome “Cleycianne!!”, grafado com duas exclamações (ver Figura 5).

Neste momento, confirmamos narrativamente, na instância de um “eu projetado” plasticamente, que as fotografias ou recortes fotográficos presentes em múltiplas seções do *blog* pertencem a “Cleycianne”.

Seguimos, agora, por algumas das demais publicações. Debrucemo-nos, de início, sobre as duas postagens que inauguram o mês, efetuadas no dia 01. A primeira, intitulada “Aleluia 3x: Propaganda de cerveja com Paris Hilton é proibida no Brasil”, expõe uma análise de “Cleycianne” a respeito da proibição da campanha da cerveja “Devassa”, estrelada pela socialite norte-americana Paris Hilton. A blogueira escreve:

Fiquei muito feliz em Cristo quando li essa notícia!! Onde já se viu uma cerveja chamada Devassa, é um desrespeito a mulher e a palavra do Senhor, e ainda por cima usaram a prostituta internacional Paris Hilton para ser a garota propaganda dessa satânica cerveja!!
INADIMIMSSÍVEL!!

Se ainda fosse um suco chamado “Submissa”, onde eu estrelasse a campanha mostrando como é bom uma mulher de bem cuidar de seu marido fazendo um unguento suco de frutas, seria de Deus!! Um bom exemplo para a sociedade. **Glória, três vezes Glória!!**

“As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor.... Como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido” (Efésios 5:22,24) [...] (Cleycianne.com, 2010).

Repete-se a oposição sagrado *vs.* profano, e a Bíblia é narrativizada, ou projetada textualmente, para assegurar a veracidade do discurso religioso que moveria as ações de “Cleycianne”: ela não fala; é o Senhor que fala através dela, conferindo-lhe o seu “/poder-fazer/ ou poder falar por ele, que [a] qualifica, que [a] dota de ‘voz’” (Barros, 1988, p. 84). Sobressai-se, além do erro de grafia “inadimimssível”, a expressão “feliz em Cristo”: nela, Cristo transfigura-se em adjetivo, qualificando o tipo de felicidade. O mesmo recurso é usado no título da seção de comentários dos internautas, “comentários em Cristo”: institui-se, assim, um efeito de sentido de sacralidade ao estado de espírito de “Cleycianne”, e às pessoas que, ao projetarem-se no *blog*, expressando suas opiniões, convertem-se em interlocutários. Muitos, como “Fá”, revelam concordância em relação à opinião da blogueira; outros declaram-se revoltados, a exemplo de “Lelê Aracil”, a qual escreve: “não questiono a sua religiosidade, de forma alguma, mas acho uma atitude preconceituosa (sic.) da sua parte” (Cleycianne.com, 2010).

O interessante é notar o modo pelo qual a narrativa digital é aberta, dinâmica, em alguma medida, imponderável, permitindo a introdução não controlada de personagens capazes, a qualquer momento, de alterar o rumo da história. É o caso de um comentário assinado como “Anônimo”; nele, o *blog* é descrito como uma espécie de “piada”: “Eu estou rindo muito com isso. As pessoas não entendem que não é falta de respeito com Deus e sim uma sátira aos que usam o nome de Deus em vão, quando na verdade são hipócritas [...]. Gente, isso é um *blog* inteligente e irônico [...]” (Cleycianne.com, 2010), escreve o interlocutário. Projeta-se, dentro do enunciado – o dito –, um efeito de sentido de dúvida quanto à veracidade da fala de “Cleycianne”, narradora-interlocutora, e assim *condutora* do discurso (Barros, 1988, p. 85), que poderia excluir a fala do personagem anônimo, se não de imediato, a posteriori. Mas não o faz. O narrador, logo, autoriza a emergência da incerteza quanto à sua honestidade no texto.

² Importante chamar a atenção para o fato de que a diagramação do *blog*, como um todo, privilegia o cor-de-rosa, contribuindo para um efeito de sentido “feminino”, de referência à “Diva”, e não à “serva”.

A segunda publicação efetuada no dia 01 de março, “Tessalia bebe água de mangueira na capa da Playboy”, exibe um comentário de “Cleycianne” sobre a revista erótica, cuja capa é estampada por uma ex-integrante do “Big Brother Brasil”, programa de televisão veiculado pela TV Globo. A blogueira afirma estar “passada em Cristo” com a publicação, sobretudo pela capa, reproduzida na Figura 6.

Segundo a análise unvida de “Cleycianne”, “o gosto sexual das pessoas é sempre um mistério, então sempre nos deparamos com muitas bizarrices. Muitos homens tem a fantasia de ver a mulher bebendo urina direto do pênis, a foto de Tessália com a mangueira insinua exatamente isso!!!” (Cleycianne.com, 2010). A narradora-interlocutora prossegue contando que “Quando [...] era oca e via um vizinho lavando o carro ou o quintal sempre dizia que estava com sede e pedia pra beber a água da mangueira. Bebia de modo sensual, como se aquela água estivesse saindo do pênis. Os homens ficavam loucos com a minha podridão!!!” (Cleycianne.com, 2010). Na sequência, “Cleycianne” revela que hoje é “outra mulher e se fosse a Tessália impediria que essa revista fosse lançada” (Cleycianne.com, 2010). A oposição sagrado *vs.* profano ressurgue, e a temática da transformação operada pela cristandade, outra vez, se faz presente.

O tema da “transformação”, inclusive, parece ser tão forte que dá nome a uma série de postagens batizadas “Transformação em Cristo”. No período analisado, foram cinco as publicações pertencentes à supracitada série, nas quais fotografias de celebridades que circulam na internet ou de pessoas que, voluntariamente, remetem suas imagens a “Cleycianne”, são alteradas com o auxílio do “ungido programa photoshop”. Tome-mos como objeto de ilustração o *post* da segunda-feira, 29 de março (ver Figura 7).

A transformação é apresentada como uma espécie de “prêmio”, concedido a um “felizardo”. Longe de se processar na alma do “ex-BBB Dicesar”, a “cura” é feita em sua aparência, com o auxílio de um programa de edição de imagens que, sacralizado, reverte-se em “ungido”. Para “Cleycianne”, “a transformação de um homossexual em um homem de bem” opera-se no nível do *parecer ser* - o que dá margem a pensar que a sua própria transmutação em Diva possa ser, apenas, superficial. Destaca-se a expressão plástica tosca da manipulação da fotografia, criando-se um efeito de sentido de algo artesanal, amador - como às vezes é comum aos blogueiros - e, em alguma medida, cômico.

As demais publicações do mês, tomado como limite para o *corpus*, versam, basicamente, sobre “análises” de notícias relacionadas ao universo das celebridades, a exemplo de “Seria Justin Bieber uma lésbica masculina?”, referente a 12 de março, ou “Amarrado 3X: Rick Martin assume homossexualidade”, veiculada em 29 de março. Em todas, sem exceção, transparece a

oposição sagrado (Evangelho) *vs.* profano (mundo das celebridades/internet).

Por fim, é preciso destacar o material nomeado por “Dieta em Cristo: fique magra e unvida como Cleycianne”, disponibilizado no *blog* em 3 de março de 2010. Nele, “Cleycianne” sugere “substituir a alimentação carnal pela espiritual, se alimentando de coisas leves durante a refeições e as fortalecendo com a Palavra do Senhor!!!” (Cleycianne.com, 2010). No café da manhã, por exemplo, é normatizado consumir um copo de água, acompanhado por um pedaço de maçã e “*uma dose tripla do Senhor para garantir um bom dia: Salmo 19.1, Salmo 46:1, Efésios 6:14-16*”. Ao término da postagem, consta o texto: “Essa é a Dieta em Cristo criada por mim, Cleycianne. É uma dieta difícil (sic!), mas que mandará ao encosto da obesidade embora de uma vez de sua vida!! Eu e Jesus garantimos os resultados!! Glória, três vezes Glória!!!”. Mais uma vez, recupera-se a temática da aparência como uma preocupação religiosa. “Cleycianne”, verbalmente, equipara-se a “Jesus” - ela é tão confiável quanto o filho do Senhor. O ponto de destaque, porém, é outro: “Atenção: *Cleycianne é uma personagem, suas histórias e conselhos são apresentados exclusivamente para fins de entretenimento! SE VOCÊ REALMENTE PRECISA EMAGRECER, PROCURE UM MÉDICO E NÃO A BÍBLIA!*”, lê-se ao final do *post*.

“Cleycianne”, no enunciado acima, é alçada à condição de imagem/narrador-personagem do narrador, indicando-se que, em verdade, ela não passe de um interlocutor. A mensagem, por certo, foi escrita para evitar problemas legais, mas acaba por gerar outros efeitos de sentido: revelar que toda narrativa a respeito da transformação de “Cleycianne” é ficção e, além disso, plantar dúvidas quanto ao caráter religioso do *blog*. Há, contudo, outro sentido expresso plasticamente.

Uma fotografia, assim como pode ser observado na Figura 8, é empregada enquanto significante de verificação dos resultados da “Dieta em Cristo”, através da qual se ficaria “magra e unvida” como “Cleycianne”. O retrato destaca a “Diva do Senhor” em todo seu esplendor: iluminada, em contraste a um fundo cromaticamente escuro, ela está centralizada, isto é, topologicamente enquadrada como o ponto central de atenção, e, eideticamente, destacada da uniformidade das formas - ou da forma, quase um contínuo chapado - que lhe serve de cenário. Na seção inferior do lado direito, lê-se “Cleycianne DIVA DO SENHOR”. O texto, em branco, apresenta contiguidade cromática (luminosidade) com a fotografia de “Cleycianne”. Topologicamente, o destaque está em “DIVA DO SENHOR”, grafado em caixa alta. A tipografia, uma letra serifada, sugere forma tradicional, em consonância com as vestes de “Cleycianne”: a roupa da diva é a mesma da letra - alva, conservadora, cujas formas, apesar de simples, sobressaem-se da escuridão. O conteúdo de “Diva”,

além do comentado destaque tipográfico, é reiterado pela coroa na cabeça de “Cleycianne”, visualmente, igualada a uma rainha, ou a uma santa.

Mais uma vez, logo, há contradição entre o plano do verbal – mentira – e o visual – verdade.

3.1. A instância da enunciação

A narrativa do *blog* de “Cleycianne” demonstrou-se, a partir da publicação “Dieta em Cristo: fique magra e unguada como Cleycianne”, uma farsa. A “Diva do Senhor” é o simulacro do narrador, e não a narradora. Se, como observa Fiorin (2008, p. 141), em “*Tom Jones*, o narrador é ingênuo, enquanto o autor é irônico”, aqui, temos ironia em dose dupla. De um lado, existe um narrador que, deliberadamente, engana, inclusive alguns interlocutários – comentários do *blog* –, enquanto, por outro lado, permite a outros revelar a farsa, sem pudores ou preocupações. O *parecer ser* evangélico é, então, desmascarado, confirmando o que estava expresso plasticamente, onde topológica, eidética e cromaticamente, quase não havia espaço para o “Senhor”, mas apenas para a “Senhora” e, assim, para a mentira. Do outro lado, nota-se que o “eu” pressuposto do texto não pode ser o Cristianismo, já que o último é igualado à falsidade. Por trás do enunciado, logo, existe um autor que usa a cristandade para ridicularizar os crentes, ao invés de exaltá-los.

Desse modo, identificamos um *éthos* irônico, narrado de modo dissimulado, produtor de uma espécie de sátira com os evangélicos. O *pathos* do destinatário implícito da enunciação, porém, é dúbio: abarca, ao mesmo tempo, quem se dá conta da ironia do enunciatador e dela partilha, e aqueles para os quais a mentira da narrativa não fica clara, prevalecendo um efeito de sentido da verdade. Há, logo, dois contratos fiduciários possíveis.

Considerações finais e trabalhos futuros

Longe de nos preocuparmos em esgotar cada um dos materiais avaliados, os quais poderiam render isoladas e profundas análises individuais, tentamos, neste artigo, estabelecer conexões. O *blog* de “Cleycianne” apresentou-se enquanto um complexo objeto semiótico. São muitas as marcas de verdade, isto é, “as ilusões discursivas de que os fatos contados são ‘coisas ocorridas’, de que seus seres são de ‘carne e osso’, de que o discurso, enfim, copia o real” (Barros, 2005, p. 58). Em contraste, temos poucos, mas irrefutáveis indícios da mentira por trás da narrativa construída. Aqui, é a hora de refazer o nosso percurso gerativo de sentido: Nas estruturas fundamentais, nos deparamos com a oposição verdade *vs.* mentira, desencadeando dois programas narrativos distintos: o de “Cleycianne” como narradora-interlocutora, evangélica, transfor-

mada pelo Senhor, cujos depoimentos e análises das “coisas do mundo” são motivados pela fé, e o de “Cleycianne” transfigurada em simulacro de um narrador irônico, nela projetado para caçoar dos evangélicos, seja nos erros de grafia de seu simulacro, seja na polêmica mistura da futilidade – dietas, capas de revista, roupas, celebridades – com o sagrado, seja nos relatos carregados de acontecimentos ou opiniões absurdas, todavia, coerentes com a prática adotada por algumas igrejas neo pentecostais de ofertar ao seus fiéis “concretamente a tão sonhada transformação em sua vida na terra” (Torresan, 2007, p. 104). No nível discursivo, surge, através de um *éthos* irônico, gozador, a temática da histeria religiosa, disseminada em programas de televisão, cultos-show e milagres operados por pastores na banal frequência de reuniões semanais. Cumpre observar que, no plano da expressão, os dois programas narrativos identificados são simultaneamente materializados, resultando em um enunciado plástico dúbio, impreciso.

Em trabalhos futuros, procuraremos analisar o modo pelo qual o *blog* de “Cleycianne” funciona enquanto “enunciado englobante” (Maingueneau, 2001, p. 86), um texto sincrético verbo-áudio-visual base para agregação de outros enunciados – Twitter, texto verbal; Youtube, texto audiovisual – que, apesar de gozarem de autonomia de sentido, estão interconectados, englobados pelo *blog*, constituindo assim uma mesma enunciação, ou um mesmo dizer. No site “Cleycianne.com”, há várias menções a essas outras possibilidades expressivas da linguagem digital, as quais vão se urdindo numa elaborada rede de sentido. É o caso da citada publicação “Dieta em Cristo: fique magra e unguada como Cleycianne”, onde consta o seguinte texto: “Ola queridos leitores, depois que falei sobre a Dieta em Cristo em meu Twitter choeram e-mails e telefonemas, minha assessoria quase não deu conta. Por isso resolvi fazer esse post explicando passo a passo como funciona a Dieta em Cristo”. ●

Referências

- Barros, Diana Luz Pessoa de
1988. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual.
- Barros, Diana Luz Pessoa de
2005. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática.
- Beividas, Waldir
2006. *Semióticas sincréticas (o cinema)*. Posições. Disponível em: (www.fflch.usp.br/dl/semiotica/downloads/down.html). São Paulo: Edição Particular em Meio Eletrônico, 2006. ISBN 85-905252-1-X. Acesso em 10 de novembro de 2010.
- Calbucci, Eduardo
2007. *A construção do ator da enunciação em romances com narrador-personagem: a experiência machadiana em Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 435F. (Tese - Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cleycianne
Blog Cleycianne: uma Diva do Senhor no mundo da internet. Disponível em: (www.cleycianne.com).
- Fiorin, José Luiz
1999. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática.
- Fiorin, José Luiz
2003. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Revista Galáxia* [on-line]. Disponível em: (<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1314/810>). Editores responsáveis: Jose Luiz Aidar, Amálio Pinheiro e Leda Tenório da Costa. Volume 3, Número 5. São Paulo, Abril 2003, p. 19-52. Semestral. ISSN: 1982-2553. Acesso em 10 abril de 2010.
- Fiorin, José Luiz
2008. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto.
- Floch, Jean-Marie
1985. *Petites mythologie de l'oeil et de l'esprit*. Paris: Hadès-Benjamins.
- Floch, Jean-Marie
2001. *Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral*. São Paulo: Documentos de estudo do CPS (Puc-SP).
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
1986. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II*. Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto.
- Lessa, Jefferson
2010. Cleycianne te ama. Estudante da Uniban, morador da periferia de São Paulo, cria blogueira evangélica que é sucesso na internet. *O Globo*. Rio de Janeiro, 24 abr. 2010, Caderno "Ela", p. 1.
- Maingueneau, Dominique
2001. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pietroforte, Antônio Vicente
2004. *Semiótica visual. Os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto.
- Pietroforte, Antônio Vicente
2006. O sincretismo entre as semióticas verbal e visual. *Revista Intercâmbio*. [on-line]. Disponível em: (www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/pietroforte.pdf). Editores responsáveis: Aglael Gama Rossi, Maria Aparecida Caltabiano e Sandra Madureira. Volume XV. São Paulo: LAEL/PUCSP, 2006, p. 1-10. Anual. ISSN: 1806-275X. Acesso em 13 de novembro de 2010.
- Santos, Marcelo Burgos Pimentel dos *et al.*
2009. Metodologia de pesquisa de blogs de política: análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento "cansei". *Revista de Sociologia e Política*. [on-line]. Disponível em: (www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782009000300012&lng=en&rm=iso). Curitiba, v. 17, n. 34, 2009, p. 159-181. ISSN: 0104-4478. Acesso em 28 de novembro de 2010.
- Saussure, Ferdinand de
1967. *Curso de linguística geral*. Paris: Payot & Rivages.
- Tenuta, Adriane Ribeiro Andalo
2005. Um olhar semiótico sobre as várias maneiras de desenhar um cubo. *Estudos Semióticos*. [on-line]. Disponível em: (www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSse1/2005-eSse1-A.R.A.TENUTA.pdf). Editor Responsável: Peter Dietrich, Número 1, São Paulo, 2005, p. 1-10. Semestral. ISSN: 1980-4016. Acesso em 20 de novembro de 2010.
- Torresan, Jorge Luís
2007. A manipulação no discurso religioso. *Dialogia*. [on-line]. Disponível em: (http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs_revistas/dialogia/dialogia_v6/dialogia_v6_4h38.pdf). Editores responsáveis: José Eustáquio Romão, Erica Oliveira de Araújo e João Ricardo Magalhães Oliveira. São Paulo, Volume 6, 2007, p. 95-105. Semestral. ISSN: 1983-9294. Acesso em 04 de dezembro de 2010.

Anexo-Figuras



Figura 1
Twitter de “Cleycianne”. No dia
18/11/2010, eram 75.804 seguidores.



Figura 2
Thiago Henrique Ferreira e “Cleycianne”.



Figura 3
Parte superior do blog de “Cleycianne”.



Figura 4
Distribuição espacial do cabeçalho do blog.



Figura 5
Frame do Vídeo "Esta é Cleycianne (0:31").



Figura 6
Capa da Playboy de "Tessália".

segunda-feira, 29 de março de 2010

Transformação em Cristo: ex-BBB Dicesar



Antes: Homossexual, pecador e oco / Depois: Curado, ungido e preenchido por Jesus!

O grande felizardo de hoje em ganhar a Transformação em Cristo, através do ungido programa photoshop, é o ex-BBB Dicesar, que sofre de homossexualidade!

A transformação foi simples, porém muito edificada no Senhor! Substituí o traje homossexual feminino por um lindo terno da [Loja Dorinhos](#), no boné coloquei o nome do nosso Salvador Jesus e para finalizar com um toque muito ungido não poderia esquecer da Bíblia em seus braços!!

É emocionante ver a transformação de um homossexual num homem de bem, não é mesmo? Jesus faz maravilhas!! **Glória, três vezes Glória!!**

Figura 7

“Transformação em Cristo”, de Dicesar.



Figura 8
"Dieta em Cristo".

Dados para indexação em língua estrangeira

Santos, Marcelo; Coelho,, Patrícia Margarida Farias
Christian Manipulation (or Anointed Humor?): A Semiotic Analysis of the
Phenomenon “Cleycianne”

Estudos Semióticos, vol. 7, n. 2 (2011), p. 79-93

ISSN 1980-4016

Abstract: *In the framework of discursive semiotic, we present an analysis of the blog (www.cleycianne.com). Released in July 2009, the website was quickly converted into an internet hit. Its proposal is to comment the celebrity world with a “Christian perspective”. But where some users see humor, others find prejudice. As we will show, that happens because there is a fuzzy line between fiction and reality inside the blog texts. Media has announced that Cleycianne’s website is written by a man, but the existence of a character is not expressly highlighted. Thus, what one can see as irony and humor can also be understood literally by others. For our analysis, we investigate the posts from March 2010, trying to bring forth the generative trajectory of meaning, which we connect with semi-symbolic plastic features. The relations found between content and expression are very complex, producing two different narrative schemes that account for the two possible readings of the same text.*

Keywords: *discursive semiotics, applied semiotics, digital communication, blog*

Como citar este artigo

Santos, Marcelo; Coelho,, Patrícia Margarida Farias. Manipulação em Cristo (ou humor un-gido?): uma análise semiótica do fenômeno “Cleycianne”. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 7, Número 2, São Paulo, novembro de 2009, p. 79–93. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 15/12/2010

Data de sua aprovação: 30/05/2011
